

Discursos sobre o cabelo crespo no Brasil: entre o poder e a resistência, da transição à liberdade

Discourses on curly hair in Brazil: between power and resistance, from transition to freedom

Maria Luiza Chianca¹

Universidade Federal da Paraíba – UFPB

luizachiancat@gmail.com

RESUMO: Mulheres negras estão retornando ao alisamento capilar: esse é o discurso que permeou diversos dos principais portais de notícias do país entre 2021 e 2024 e é sintomático daquilo que se tem denominado no Brasil de “liberdade capilar”. Nesse cenário, para lançar luz sobre as complexidades subjacentes aos discursos que tematizam o cabelo crespo, este artigo investiga o deslocamento discursivo entre os movimentos de transição capilar e liberdade capilar no Brasil contemporâneo, utilizando pressupostos teóricos dos Estudos Discursivos Foucaultianos, especialmente os conceitos sobre poder/saber, resistência e suas múltiplas manifestações nos discursos. Sobre o corpus, o artigo concentra-se na análise de enunciados encontrados em notórias revistas brasileiras, revelando o modo como as dinâmicas de saber e poder produzem e transformam os discursos sobre o cabelo crespo no Brasil. A discussão explora a complexidade desses discursos, destacando as pressões sociais e midiáticas que continuamente geram novas formas de poder e, conseqüentemente, novas formas de resistência.

Palavras-chave: Cabelo Crespo; Transição Capilar; Liberdade Capilar; Discurso.

ABSTRACT: Black women are returning to hair straightening: this is the narrative that has appeared on several of the country’s main news portals between 2021 and 2024, reflecting what has come to be called “hair freedom” in Brazil. In this context, to shed light on the complexities underlying the narratives surrounding curly hair, this article examines the discursive shift between the movements of hair transition and hair freedom in contemporary Brazil, using theoretical assumptions from Foucaultian Discourse Studies, particularly the concepts of power/knowledge, resistance, and their multiple manifestations in discourse. Regarding the corpus, the article focuses on the analysis of statements found in prominent Brazilian magazines, revealing how the dynamics of knowledge and power produce and transform the discourses about curly hair in Brazil. The discussion explores the complexity of these narratives, highlighting the social and media pressures that continuously generate new forms of power and, consequently, new forms of resistance.

Keywords: Curly Hair; Hair Transition; Hair Freedom; Discourse.

¹ Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING-UFPB). Integrante do grupo Observatório do Discurso (CNPq). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0935-5652>

Introdução

Historicamente, o cabelo tem sido um símbolo potente de identidade cultural. No Brasil, com sua rica diversidade étnica, o cabelo crespo, em particular, carrega uma história de resistência e luta contra os padrões de beleza eurocêntricos. Desde o período escravocrata até os dias atuais, os discursos sobre cabelo crespo apresentam continuidades e descontinuidades, que são reflexos das complexas relações de poder e resistência que permeiam uma grande rede discursiva. Inicialmente, o cabelo crespo no Brasil foi alvo de recusa e estigmatização (século XVIII-1888), sendo posteriormente submetido às práticas de alisamento químico na busca por aceitação social (1888-1995). Esses acontecimentos, conforme descrito por Braga (2015), revelam como, por um extenso período, as normas estéticas foram estrategicamente moldadas para criar, cristalizar e sustentar hierarquias raciais e sociais.

Com o advento das políticas afirmativas no final dos anos 90 e a proliferação das redes sociais no século XXI, o movimento de “transição capilar” ganhou grande impulso. Nele, muitas mulheres começaram a abandonar os produtos químicos alisantes para redescobrir, celebrar e afirmar aquilo que o movimento compreendia como sendo a naturalidade dos cabelos crespos. Reconhecido como um ato de resistência, esse movimento promoveu o surgimento de discursos que fomentam um senso de orgulho e pertencimento para um grupo que por muito tempo viu sua beleza marginalizada, contribuindo para desconstruir estereótipos negativos associados ao cabelo crespo e fomentando discussões importantes sobre raça, identidade e autoaceitação.

O impacto desse movimento foi significativo, refletindo-se também nos espaços midiáticos e impulsionando o mercado de beleza, que, segundo a Abisa (2022)², representa atualmente mais de 73% do movimento de capital no Brasil. A transição capilar emerge, portanto, não apenas como um fenômeno estético e identitário, mas como um reflexo de poderes sociais e econômicos que moldam a sociedade contemporânea. Nesse sentido, surgem questões que vão além da estética e da identidade, contemplando aspectos relacionados à autoaceitação, à gestão do tempo, bem como às questões econômicas e emocionais.

Atualmente, além do movimento de transição capilar, observa-se a emergência de um fenômeno conhecido como “liberdade capilar”. Esse movimento desafia os padrões estéticos impostos pelos meios de comunicação, especialmente no que se refere ao conceito de um “cabelo crespo perfeito”. A liberdade capilar cria um novo espaço de resistência, promovendo

² “Mercado capilar avança e cresce quase 20% em um ano no Brasil”. Disponível em: <https://encurtador.com.br/kAL68>. Acesso em: 8 fev. 2024.

a ideia de uma “autêntica liberdade de expressão capilar” e valorizando a individualidade e a diversidade de escolhas em relação aos cabelos.

Neste artigo, analisaremos a transição do movimento de transição capilar para o fenômeno da liberdade capilar, que surge como um novo espaço de resistência aos discursos sobre o cabelo crespo no Brasil. Essa transformação reflete uma rede discursiva em constante movimento estratégico, conforme analisado a partir dos Estudos Discursivos Foucaultianos (Foucault, 2010; 1989; 1999), observamos o jogo estratégico entre saber/poder e resistência, identificando a força preeminente do poder, que, ao se apropriar da resistência, a transforma em novos locais de poder. Paradoxalmente, esse processo possibilita a emergência de novas formas de resistência.

Para tanto, selecionamos enunciados presentes em portais como *Folha de São Paulo*, *Marie Clarie* e *GI*, entre os anos de 2021 e 2024, que nos permitirão identificar, além da produção discursiva do movimento denominado “liberdade capilar”, o deslocamento discursivo entre a transição e a liberdade, bem como a reflexão sobre a persistência de poderes que constantemente redefinem e moldam as noções de beleza.

Iremos, portanto, nos confrontar com uma intrincada teia de poder, cujas ramificações parecem difíceis de evitar devido às complexidades subjacentes aos discursos que envolvendo o cabelo crespo no Brasil.

O discurso entre saber/poder e resistência

Para entender o discurso enquanto objeto de pesquisa, é preciso compreender que uma análise discursiva não implica em uma análise meramente linguística, muito menos uma análise do pensamento, mas uma investigação sobre as condições históricas de emergência dos mais diversos enunciados que compõem os discursos e que concebem as práticas discursivas. Podemos dizer, assim, que os analistas do discurso não trabalham a língua como uma estrutura, mas como acontecimento social: preocupando-se com o modo como ela funciona socialmente. Nesse sentido, ao abordar o cabelo crespo, estamos lidando com um objeto que carrega consigo uma carga histórica e social, construída a partir de práticas discursivas que, por muito tempo, relegaram, conforme Braga (2015), um espaço de marginalização.

Segundo Michel Foucault (1999), o discurso é uma estrutura complexa que atua como uma “ordem” histórica, social e cultural, regulando o que pode ser dito. O que interessa para o filósofo são as regras que possibilitam a existência de dada regularidade, permitindo a definição

de um sistema de dispersão no qual os elementos discursivos se agrupam e se separam estrategicamente em momentos e locais específicos. A análise discursiva preocupa-se, portanto, em investigar as relações que existem entre os mais diversos tipos de discurso, além das condições históricas, econômicas e/ou políticas de seu aparecimento e de sua formação (Revel, 2005). Considerando o nosso objeto de pesquisa, nesse contexto, percebemos o cabelo crespo não apenas uma característica física, mas um marcador cultural que foi historicamente regulado por discursos que definiram padrões de beleza e aceitabilidade social.

É de interesse dos analistas do discurso: o que é dito, como é dito e o meio material onde circulam os discursos. Podemos dizer que esses três elementos constituem a espinha dorsal dos estudos discursivos, nos quais se reconhece que o discurso não só transmite ideias, mas também exerce poder ao moldar práticas e regular o que é expresso em momentos específicos.

Para Foucault (2010), todo saber é condicionado a um momento histórico específico, devido à existência de uma ordem discursiva que o viabiliza. Em sua arqueologia, o autor “busca definir não os pensamentos, as representações, as imagens, os temas, as obsessões que se ocultam ou se manifestam nos discursos, mas os próprios discursos, enquanto práticas que obedecem a regras” (Foucault, 2010, p. 149).

Apesar de ser amplamente conhecido como o “filósofo do poder”, Michel Foucault alega que o objetivo de suas pesquisas era, na verdade, “criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos” (Foucault, 1995, p. 231). Para ele, o poder não se relaciona a uma teoria da ciência política. O que Foucault busca é entender o funcionamento, a ação e os efeitos do poder, propondo um deslocamento das formas tradicionais de pensar e enfatizando a importância de compreender as dimensões do poder nos estudos sobre a subjetivação dos sujeitos.

Desse modo, o poder, nos Estudos Discursivos Foucaultianos, não é analisado como um conceito ou substância que se possui, mas como algo que se exerce por meio de práticas e estratégias. Este poder emerge em todos os meios e não se concentra apenas em instituições, mas está presente em diversas esferas da sociedade, funcionando como uma rede penetrante que atravessa e perpassa a todos, produzindo subjetividades. Essa lógica se torna evidente nos discursos sobre o cabelo crespo no Brasil, nos quais o poder se manifesta tanto na perpetuação de padrões estéticos quanto na resistência a eles. O ato de resistir aos diversos padrões de beleza impostos não é apenas uma decisão estética, mas um exercício de poder que transforma os sujeitos e desafia estruturas sociais profundamente arraigadas. E enquanto sujeitos, todos estamos imersos nessa dinâmica, seja exercendo poder, resistindo, ou submetendo-nos a ele.

Isso porque as relações entre poder e saber funcionam paralelamente e atuam na transformação dos indivíduos em sujeitos (Revel, 2005).

E embora o poder reprima em vários momentos, ele não se limita a isso. O poder também produz. “O poder, longe de impedir o saber, o produz” (Foucault, 1989, p. 133). O poder gera desejos, crenças, moral, virtudes, sentimentos e muitos outros elementos que parecem ser “de ordem natural”. Isso implica que o poder está presente não apenas nas relações que oprimem, mas também naquelas vistas positivamente pelos sujeitos. Além disso, o poder está entrelaçado com práticas, saberes, instituições e aparelhos, não se restringindo a uma estrutura específica. Nesse sentido, o poder pode se manifestar inclusive nas publicidades e campanhas que promovem o “empoderamento capilar”. Embora possam parecer iniciativas exclusivamente afirmativas, essas práticas muitas vezes participam de uma rede de poder, influenciando escolhas, moldando desejos e reforçando determinados padrões de consumo, mesmo quando se apresentam como “libertadoras”.

A relação de poder envolve a tentativa de conduzir condutas e comportamentos em um campo de possibilidades abertas. Ou seja, um indivíduo pode criar estratégias para induzir o outro a se comportar de determinada forma. Para Foucault (1995), quando um sujeito não tem liberdade de ação, ele não está numa relação propriamente de poder, pois o que caracteriza essa relação é a possibilidade de resistência. Essa “liberdade” não se refere ao ato de ser livre, mas sim à possibilidade de resistir, de confrontar o poder. Assim, o poder produz saber, e a relação entre poder e saber não pode ser estudada na perspectiva de um sujeito livre em relação a um sistema de poder, mas sim como um sujeito que produz saber e que também é constituído por essas relações (Foucault, 1989).

Dentro dessa perspectiva, o poder se configura como um conjunto de relações de forças em constante contraposição. E é por isso que Foucault afirma que “onde há poder, há resistência, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder” (Foucault, 1999, p. 91). Nesse sentido, assim como o poder opera em múltiplas redes dentro de uma estrutura social, a resistência também pode assumir várias formas, como uma força capaz de atravessar relações, podendo ser improvável, espontânea ou planejada, e ainda assim interagindo com outras forças.

Dessa forma, a construção discursiva do cabelo crespo, ao longo das diferentes épocas, evidencia as normas e restrições ditadas por uma ordem discursiva que, em momentos distintos, ora marginaliza, ora enaltece esse tipo de cabelo. Essa oscilação reflete não apenas as transformações sociais e culturais, mas também as tensões de poder e resistência que permeiam as representações do cabelo crespo na sociedade.

Diante disso, podemos refletir sobre como, recentemente, têm surgido lutas contra o processo de subjetivação: lutas que são “contra aquilo que liga o indivíduo a si mesmo e o submete, deste modo, aos outros” (Foucault, 1995, p. 235). A resistência pode ser vista como uma aliada inseparável das relações de poder, uma vez que “tanto a resistência fundamenta as relações de poder, quanto ela é, por vezes, o resultado dessas relações” (Revel, 2005, p. 74). Uma das formas de reagir ao poder é, portanto, criando novas configurações de poder.

Nesse ínterim, Foucault (1999) reflete sobre uma regra específica da polivalência tática dos discursos, no qual os discursos não são apenas mecanismos de poder, mas também locais onde se articulam saber e poder. Através desse pensamento, os discursos passam a ser considerados polivalentes em suas táticas: podem ser, ao mesmo tempo, instrumentos e efeitos de poder ou resistência. As resistências, assim como o poder, são móveis, produtivas, estão em toda parte e se distribuem estrategicamente. Elas podem, por seu turno, estabelecer novas relações de poder, tanto quanto essas novas relações podem, inversamente, provocar o surgimento de novas formas de resistência (Revel, 2005).

Poder e saber estão intrinsecamente ligados, pois como mencionado anteriormente, “não há relação de poder sem a constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e constitua, ao mesmo tempo, relações de poder” (Foucault, 1987, p. 27). Essas relações não devem, portanto, ser analisadas a partir de um sujeito do conhecimento que seja livre em relação ao sistema de poder (Foucault, 2010). A microfísica do poder trata o poder não como uma propriedade, mas como uma estratégia: os efeitos do poder não são atribuídos apenas à sua apropriação, mas às estratégias, técnicas e táticas que emergem em uma rede de relações em constante mudança, tornando o poder um exercício ou prática social. No contexto do cabelo crespo, isso implica que os discursos que circulam sobre este tipo capilar não são apenas impositivos, mas também resultam de resistências, nas quais os discursos são ressignificados e reivindicados como expressão de identidade e de liberdade.

Deste modo, propomos, a seguir, analisar a complexidade das relações entre poder e saber nos discursos sobre o cabelo crespo no Brasil, com o objetivo de compreender as condições históricas que permitiram a emergência desses enunciados e seus deslocamentos discursivos. Parte-se do entendimento de que o poder não se limita a uma força repressiva, mas também se apresenta como uma força produtiva, capaz de moldar subjetividades e regular práticas sociais. A resistência, por sua vez, constitui uma dimensão inseparável dessas relações de poder, tendo o potencial de instaurar novas configurações e redefinir as dinâmicas estabelecidas. A polivalência tática dos discursos evidencia a constante e estratégica interação

entre poder e saber, ressaltando a importância de uma análise discursiva que considere essas complexidades.

Da transição à liberdade capilar

“Pensei que a liberdade vinha com o tempo
[...]
depois pensei que a liberdade vinha com o poder
depois percebi
que a liberdade não vem
não é coisa que lhe aconteça.”
Sônia Balacó

Podemos dizer que a trajetória do cabelo crespo na sociedade brasileira é marcada, historicamente, por três movimentos discursivos distintos: a recusa, o alisamento e a afirmação capilar. Conforme Braga (2015), durante o período escravocrata e pós-abolicionista, o cabelo crespo foi sistematicamente silenciado e rejeitado. A raspagem dos cabelos dos africanos escravizados ao chegarem às Américas simbolizava uma tentativa de apagar suas identidades e romper seus vínculos com suas origens étnicas. Nesse contexto, o cabelo crespo era mais do que esteticamente recusado; ele era social e culturalmente estigmatizado, como afirma Braga (2015).

No período pós-abolicionista, houve uma tentativa de “reeducação” da raça, no qual os estereótipos negativos associados ao cabelo crespo foram intensificados, promovendo a recusa desse traço identitário. Ao longo do tempo, essas práticas permitiram a emergência do alisamento, uma forma de adequação aos padrões estéticos eurocêntricos. Braga (2015) observa que, durante o século XX, a mídia e a publicidade promoveram produtos de alisamento como soluções que prometiam “beleza e modernidade”, associando o alisamento à ascensão social e à aceitação. Esse movimento discursivo representava uma tentativa de conformidade com os padrões dominantes, no interior dos quais o alisamento era visto como uma forma de inserção nos espaços sociais.

É somente a partir do final do século XX, com o advento de políticas afirmativas e o fortalecimento de movimentos de resgate identitário, que o cabelo crespo começa a ser visto sob uma nova perspectiva. Esse período marcou o início de uma nova fase, na qual o cabelo crespo passou a ser reconhecido como símbolo de resistência e identidade. A afirmação capilar emerge, assim, como uma forma de resistência aos padrões eurocêntricos de beleza, ao mesmo

tempo, em que celebra a diversidade e a identidade negra, redefinindo a beleza negra no contexto brasileiro (Braga, 2015).

Retomar esses três movimentos discursivos – a recusa, o alisamento e a afirmação – é essencial para compreender o recente deslocamento da transição capilar para a liberdade capilar. Isso ocorre porque, ao longo da história, a produção discursiva sobre o cabelo crespo passou por diversas transformações, superando, assim, a simples dicotomia entre liso e crespo.

Neste novo cenário, observamos uma dinâmica multifacetada nos discursos sobre o cabelo crespo, começando com uma 'resistência sutil' no início do século XXI, passando pelo empoderamento durante a transição capilar e culminando em uma resistência ao próprio movimento, manifestada na busca pela 'liberdade capilar'. Curiosamente, os espaços que antes eram pontos de resistência foram assimilados pelo poder, dando origem a novos saberes/poderes e, conseqüentemente, a novos espaços de resistência.

Comprova essa ideia a discussão que vimos emergir há pouco mais de um ano. “Mulheres negras voltam a alisar cabelos após críticas e relatam pressão sobre a própria imagem”: a matéria publicada pela *Folha de São Paulo*³, em março de 2023, desencadeou uma ampla repercussão nas redes sociais, gerando compartilhamentos, comentários e o surgimento de novas abordagens sobre o tema em outros importantes portais, como *Marie Claire*⁴ e *Uol*⁵, no mesmo ano.

Para compreender o impacto dessa notícia, é essencial situá-la no contexto histórico e discursivo que molda a estética das mulheres negras no Brasil. Voltemos um pouco no tempo para, em seguida, retornarmos a essa mesma notícia. Ao longo dos anos, as imposições de beleza voltadas para as mulheres negras, especialmente no que diz respeito à textura e ao estilo de seus cabelos, refletiram uma tentativa de conformar-se a um ideal eurocêntrico. Esse padrão excluiu e desvalorizou, por muitas décadas, o cabelo crespo em sua curvatura natural, consolidando a noção de que a aceitação social estava condicionada ao alisamento capilar.

³ Mulheres negras voltam a alisar cabelos após críticas e relatam pressão sobre a própria imagem. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/03/mulheres-negras-voltam-a-alisar-cabelos-apos-criticas-e-relatam-pressao-sobre-a-propria-imagem.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha. Acesso em: 15 out. 2023.

⁴ Por que as mulheres negras estão voltando a alisar os cabelos? Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/beleza/noticia/2023/05/por-que-as-mulheres-negras-estao-voltando-a-alisar-os-cabelos.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁵ Mulheres negras voltam a alisar o cabelo. Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1759735172607464-mulheres-negras-voltam-a-alisar-o-cabelo>. Acesso em: 15 out. 2023.

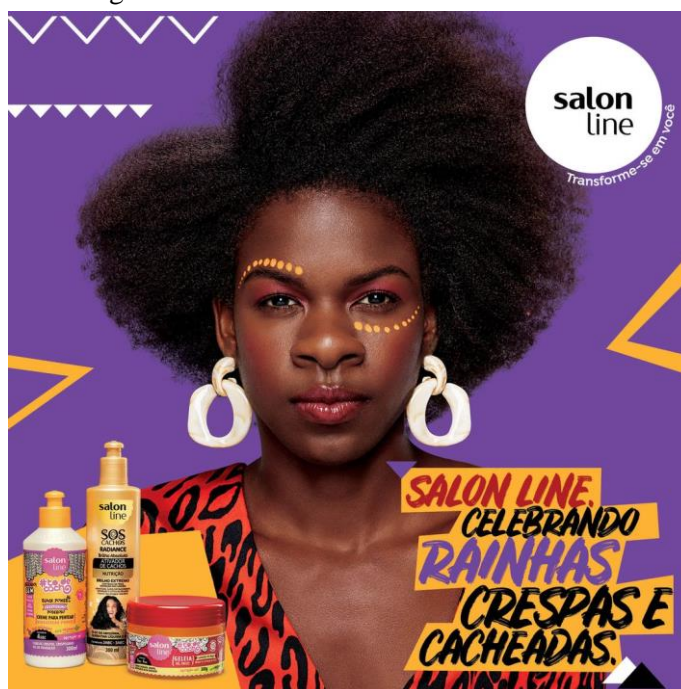
Nos últimos anos, o Brasil testemunhou a ascensão do movimento de “transição capilar”⁶ que emergiu como um rompimento com as técnicas de alisamento para acolher a textura natural dos fios, configurando-se como um ato de resistência e também como uma afirmação identitária. Esse movimento vai além de uma simples escolha estética, carregando consigo o simbolismo de um empoderamento identitário. Ao resgatar a ancestralidade de seus cabelos, as mulheres negras não apenas reivindicam um espaço de beleza, mas também desafiam repressões históricas que as colocaram em uma posição de exclusão.

O movimento de transição capilar também se fortaleceu significativamente devido a ampla disseminação de conteúdo nas mídias digitais. As produtoras de conteúdo, popularmente denominadas de influenciadoras, desempenharam papel crucial ao compartilharem suas próprias jornadas de transição, além de oferecer dicas de cuidados e inspirações. Essa troca constante de informações e depoimentos pessoais, por meio de vídeos, postagens e tutoriais, criaram uma rede de apoio e incentivo, permitindo que mais pessoas se sentissem encorajadas a iniciar e se engajar no movimento de transição capilar.

Aliado a isso, a indústria da beleza no Brasil rapidamente respondeu à crescente demanda por produtos voltados para cabelos crespos e cacheados. “Repentinamente”, empresas de cosméticos, como *Seda* e *Salon Line*, começaram a lançar linhas específicas para esses tipos capilares, como se finalmente tivessem “descoberto” essa necessidade.

⁶ A transição capilar é um processo que consiste no abandono de procedimentos químicos e/ou mecânicos que alisam o cabelo em prol do resgate da estrutura natural dos fios. No geral, as pessoas que passam pela transição capilar estão insatisfeitas com os fios quimicamente alterados e querem voltar aos cabelos cacheados, crespos ou ondulados. O processo de transição é comumente atrelado a um ato de resistência. “Quando a mulher é vítima de preconceito, manter os fios cacheados ou ondulados torna-se um ato político”, explica o levantamento realizado pelo Google Brand Lab (2017).

Imagem 1 - Salon Line - Transforme-se em você



Fonte: Facebook (2019)⁷.

O enunciado acima refere-se a uma peça publicitária da linha #Todecacho da marca *Salon Line*, publicada no *Facebook* em 2019. A marca, autoproclamada especialista em cabelos crespos e cacheados, apresenta a modelo da campanha, uma mulher negra que exhibe orgulhosamente seu cabelo crespo, acompanhada de elementos visuais que reforçam símbolos reconhecidos da identidade afro, como roupas, brincos e maquiagem. À esquerda, aparecem os produtos *Black Power Crespíssimo Poderoso*, *Ativador de Cachos S.O.S Cachos Radiance* e *Geleia #Todecacho*. À direita, destaca-se a frase: “Salon Line. Celebrando rainhas crespas e cacheadas”.

Discursivamente, essa peça publicitária demonstra uma significativa descontinuidade na forma como os cabelos crespos e cacheados foram abordados na mídia no novo século. Ao utilizar a expressão “Celebrando rainhas crespas e cacheadas”, notamos não só a produção de uma exaltação da beleza negra, mas também a atribuição de um *status* de realeza, subvertendo décadas de discursos que desvalorizaram essa textura capilar. A escolha de uma modelo que incorpora elementos afro, associada à utilização de termos como “rainhas”, ressignifica o cabelo crespo como um símbolo de poder, identidade e orgulho. Além disso, ao posicionar os produtos ao lado da modelo, é reforçada a ideia de que esses itens são ferramentas de

⁷ Publicação disponível no Facebook da Salon Line. Disponível em: https://www.facebook.com/salonline/posts/a-nova-campanha-salon-line-%C3%A9-um-sucesso-n%C3%A3o-%C3%A9-%C3%A0-toa-n%C3%A9-tem-for%C3%A7a-identidade-hist/2460266574009858/?locale=zh_CN. Acesso em: 10 ago. 2024.

empoderamento, essenciais para as mulheres poderem celebrar a sua transformação, como sugere o próprio slogan da marca: “Transforme-se em você”.

Uma movimentação que não é só uma resposta às demandas das consumidoras, que, por sua vez, também exercem poder sobre o mercado, mas também parece corresponder a expectativas neoliberais. Afinal, conforme a *Abisa* (2022)⁸, o mercado capilar representa atualmente mais de 73% do movimento de capital no Brasil, evidenciando seu enorme potencial lucrativo. No ano de 2017, um dossiê publicado pelo *Google BrandLab*⁹, programa desenvolvido por uma das maiores multinacionais de tecnologia do mundo, revelou que o crescimento no volume de buscas pelo cabelo crespo havia crescido nada menos que 309% nos dois anos anteriores e que, pela primeira vez, naquele ano, o interesse por cabelos afros havia superado o interesse por cabelos lisos nas buscas do *Google*.

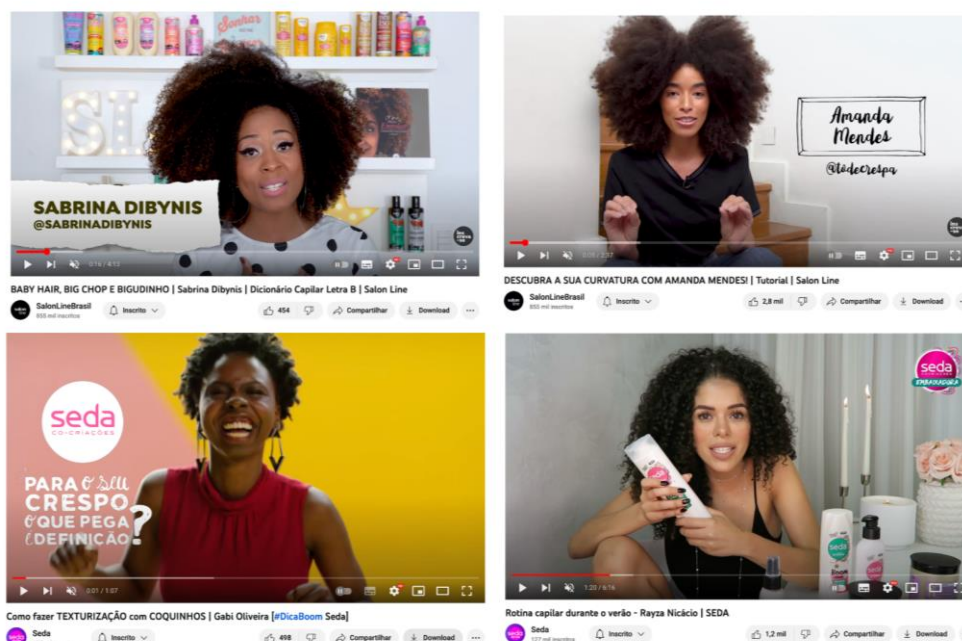
Conforme a pesquisa, isto refletia o comportamento da nova geração de mulheres (de 18 a 24 anos), dentre as quais 24% assumiam os cachos, o que era mais difícil entre as faixas etárias mais altas, apontava o dossiê. Ao realizar uma pesquisa de mercado, o programa também revelava que: 1 em cada 3 mulheres brasileiras já havia sofrido preconceito pela espessura do seu cabelo; e 4 em cada 10 já haviam sentido vergonha por terem um cabelo de curvatura cacheada.

Acompanhando toda essa onda de autoaceitação, muitas mulheres assumiram seus cabelos na curvatura crespa e abandonaram os métodos de alisamento capilar, a partir de práticas como a transição capilar. O dossiê apontou que a busca de informações sobre a transição capilar também registrou um importante salto no período em questão: em dois anos, o volume de pesquisas havia crescido 55%. Os cuidados com os fios, atrelados a esse movimento, também apresentavam crescimento, principalmente no *YouTube*, no qual, segundo os dados, 50% das buscas era sobre cuidados capilares. O levantamento também indicou que o processo de retorno ao cabelo natural tinha seus 'segredos', e a plataforma *YouTube* funciona como um ambiente propício para tirar as dúvidas das cacheadas. Isso porque, 3 em cada 5 mulheres crespas usavam essa rede para aprender a cuidar de seus cabelos, e 1 em cada 3 utilizava a plataforma como fonte de informação sobre beleza.

⁸ “Mercado capilar avança e cresce quase 20% em um ano no Brasil” Disponível em: <https://shre.ink/DH7v>. Acesso em: 8 fev. 2024.

⁹ *Dossiê BrandLab: A Revolução dos Cachos*. Publicado em julho de 2017 pela Google BrandLab. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/revolucao-dos-cachos/>. Acesso em: 4 fev. 2023.

Imagem 2 - Blogueiras embaixadoras



Fonte: Compilação do autor¹⁰.

Na imagem acima, observamos uma compilação de capturas de tela retiradas dos canais de *YouTube* da *Seda* e da *Salon Line*. Esses registros ilustram como as marcas, em parceria com influenciadoras digitais, têm atuado para oferecer conteúdos voltados ao cuidado capilar, especialmente no contexto da transição capilar.

Ao analisar tais enunciados, veiculados entre 2016 e 2019, identificamos uma regularidade nos discursos: influenciadoras digitais, já reconhecidas por um público específico, ocupam uma posição de destaque. Convidadas pelas marcas, essas influenciadoras compartilham suas próprias experiências, rotinas de cuidados capilares, dicas e informações sobre a transição capilar. Os títulos desses vídeos, como *Big hair*, *big chopp*¹¹ e *bigudinho*¹²; *Descubra a sua curvatura*, *Como fazer texturização com coquinhos*¹³ e *Rotina capilar durante o verão*, tratam de técnicas e práticas que evidenciam a complexidade envolvida na manutenção de cabelos crespos e cacheados. Ao compartilharem orientações e vivências pessoais, essas influenciadoras não apenas fornecem diretrizes, mas também contribuem para a construção de

¹⁰ Compilação de printscreens retirados dos canais de *Youtube* da *Seda* e *Salon Line*.

¹¹ Big chop ou grande corte, em português, refere-se à raspagem da cabeça ou ao ato de cortar o cabelo bem curto, para que já assuma sua textura natural – processo que causa incertezas e marca profundamente a vida dessas mulheres.

¹² Bigudinho se refere a um pequeno acessório usado para criar cachos ou ondulações temporárias no cabelo. Feito geralmente de plástico ou espuma, é enrolado em mechas de cabelo para definir sua textura. É uma alternativa não permanente para criar estilos de cabelo cacheados ou ondulados.

¹³ Coquinhos é uma técnica de modelagem de cabelo cacheado ou crespo que envolve a criação de pequenos coques ou nós no cabelo úmido.

saberes e desejos relacionados ao cuidado capilar. Assim, elas se tornam agentes de poder, moldando, através do discurso, práticas e técnicas associadas aos cabelos crespos e produções de desejo.

Ao compartilharem suas jornadas nas plataformas digitais, essas influenciadoras parecem desafiar os padrões estéticos preestabelecidos, mas acabam reforçando um novo saber: embora aparente ser uma escolha “livre”, frequentemente se insere em uma lógica de imposição que redefine os termos da estética capilar. Suas histórias de transformação, que poderiam ser vistas como individuais, tornam-se narrativas coletivas que, em vez de desprender, muitas vezes reproduzem novos padrões e expectativas, moldando os desejos de muitas outras mulheres.

O movimento de transição capilar, portanto, vai além de uma simples mudança estética. Ele representa um complexo jogo de forças, onde o reencontro com as raízes culturais e a afirmação identitária se entrelaçam com o consumo exacerbado de produtos, o consumo de conteúdo (a partir de novos saberes) e a busca incessante por um novo padrão estético capilar. Embora reafirmem suas identidades por meio da aceitação de seus cabelos naturais, essas mulheres também são bombardeadas por uma série de discursos midiáticos que as subjetivam a seguir uma série de padrões, métodos e formas para “cuidar da naturalidade” dos seus fios. Esse paradoxo ilustra a confusão gerada pelo poder, que, ao mesmo tempo, em que produz empoderamento, gera o desejo de um ciclo de consumo e pertencimento.”

Dito isso, voltemos agora à matéria publicada pela *Folha de São Paulo*, intitulada “Mulheres negras voltam a alisar cabelos após críticas e relatam pressão sobre a própria imagem”, em março de 2023, que teve ampla repercussão em outros portais da imprensa. Ela aponta para uma possível retomada do alisamento capilar, trazendo novos espaços de poder e resistência para essa vasta rede discursiva. Enunciados presentes na publicação, por meio de relatos de experiências pessoais, revelam possíveis motivações para o retorno ao alisamento por parte de algumas mulheres.

Imagem 3 - Mulheres negras voltam a alisar cabelo



Fonte: Captura de tela X.

Na entrevista concedida, uma participante relatou que, ainda na escola, começou a sentir a necessidade de alisar o cabelo após ser alvo de comentários depreciativos como “cabelo duro” por parte dos colegas. Ela relembra: “Estava descendo as escadas da escola com alguns colegas quando um menino da minha sala puxou meu cabelo e chamou de cabelo duro” (Sales, 2024)¹⁴. Esse enunciado retoma, nesse contexto, a escolha do alisamento como uma resposta à discriminação, na busca pela aceitação social.

As pressões para manter o cabelo liso também se manifestam em outros aspectos de outra entrevistada que compartilhou uma experiência durante um processo seletivo de emprego, na qual foi questionada sobre a frequência com que estaria disposta a trabalhar com o cabelo preso ou liso.

Ela descreveu a situação dizendo: “Recentemente, fiz uma entrevista de emprego em que a ficha perguntava quantas vezes por semana eu estaria disposta a trabalhar com o cabelo preso ou liso. Como precisava do emprego, respondi ‘todos’” (Sales, 2024).

A partir desse depoimento, percebemos que, embora os discursos contemporâneos

¹⁴ SALES, Gabriella. Mulheres negras voltam a alisar cabelos após críticas e relatam pressão sobre a própria imagem. Folha de S. Paulo, 7 mar. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/03/mulheres-negras-voltam-a-alisar-cabelos-apos-criticas-e-relatam-pressao-sobre-a-propria-imagem.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha. Acesso em: 1 set. 2024.

celebrem o cabelo crespo, o estigma em torno de seu uso ainda persiste. A discriminação contra o cabelo crespo continua enraizada em algumas parcelas da sociedade, o que pode impactar diretamente a escolha da mulher negra em manter seu cabelo alisado. No ambiente corporativo, onde o trabalho é a principal forma de sobrevivência, essa imposição vai além da mera estética, tornando-se um espaço de poder, no qual o desejo de adaptação às expectativas sociais leva muitas mulheres a optar novamente pelo alisamento, mesmo após terem passado pela transição capilar.

Entretanto, a narrativa do alisamento não se limita à simples adaptação às normas impostas. O retorno ao alisamento, conforme propõe a matéria, pode ocorrer devido a outros fatores, como a busca por praticidade. Outra entrevistada comentou que, apesar de ter experimentado a transição capilar durante a pandemia, decidiu voltar ao alisamento por motivos práticos: “Hoje, minha escolha pela progressiva é pela praticidade” (Santos, 2024). Mesmo com essa decisão, ela expressou frustração com a constante atenção que seu cabelo recebe, afirmando: “O que me incomoda é o meu cabelo sempre ser colocado em pauta” (Santos, 2024).¹⁵

Esses depoimentos ilustram as complexidades entre o poder e a resistência. Visto que, ao mesmo tempo em que as mulheres aderem à transição capilar para resistir aos anos de repressão, elas também se sentem aprisionadas a uma nova rotina que envolve questões cruciais: a pressão social, os desafios emocionais e os custos financeiros. As forças associadas a essa manutenção estética nos alertam sobre como, e sem escapatória, estamos imersos em uma dinâmica de poder, seja exercendo-o, resistindo a ele ou submetendo-nos a ele. Não só exercemos poder, mas também sofremos seus efeitos.

Os questionamentos sobre o alisamento capilar (ou não) não são apenas questões pessoais ou estéticas, mas estão profundamente enraizadas em dinâmicas de poder que permeiam a sociedade. Os relatos da matéria da *Folha de São Paulo*, que demonstram como o alisamento ainda é uma resposta a estigmas e pressões sociais, conectam-se com um estudo recente publicado no site *Mundo Negro*¹⁶, conduzido pelo *Instituto Sumaúma* e pela agência *RPreτας*, em parceria com a marca de cosméticos Seda. O estudo revela que 8 em cada 10

¹⁵ SANTOS, Cynthia. *Mulheres negras voltam a alisar cabelos após críticas e relatam pressão sobre a própria imagem*. Folha de S. Paulo, 7 mar. 2023. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/equilibrio/2023/03/mulheres-negras-voltam-a-alisar-cabelos-apos-criticas-e-relatam-pressao-sobre-a-propria-imagem.shtml?utm_source=twitter&utm_medium=social&utm_campaign=twfolha. Acesso em: 1 set. 2024.

¹⁶ *Estudo revela que 95% das mulheres negras estão insatisfeitas com produtos para cabelos naturais*. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/estudo-revela-que-95-das-mulheres-negras-estao-insatisfeitas-com-produtos-para-cabelos-naturais/>. Acesso em 30 jun. 2024.

mulheres consideram seus cabelos uma ferramenta fundamental de expressão, mas quase 70% sente que a sociedade ainda as pressiona a alisar os cabelos. Esse dado confirma o que vemos nos depoimentos da *Folha*: enquanto os discursos afirmativos sobre o cabelo crespo ganham destaque, as barreiras sociais para sua plena aceitação permanecem ativas.

Adicionalmente, a pesquisa aponta que 95% das mulheres entrevistadas ainda buscam produtos adequados para cuidar de seus cabelos naturais, revelando uma insatisfação generalizada com as grandes marcas, que não atendem às suas necessidades específicas. Esse dado evidencia como a transição para o cabelo crespo é frequentemente acompanhada por desafios constantes, desde os já mencionados até mesmo a falta de produtos adequados. Assim, mesmo ao tentar se libertar dos padrões de alisamento, essas mulheres se veem enfrentando um sistema que continua a exercer controle sobre suas escolhas estéticas.

Isso revela que, atualmente, além da luta contra a imposição de um padrão estético eurocêntrico, há também certa dificuldade em aderir a um movimento que, embora tenha um cunho afirmativo, também implica em novas formas de restrição.

Mais uma matéria, desta vez publicada em junho de 2024 pelo *G1*¹⁷, que tem como título “Transição capilar: veja relatos de quem desistiu do processo e voltou a alisar os cabelos”, trata sobre tais complexidades envolvidas na escolha entre manter a textura natural dos cabelos ou adotar o alisamento, trazendo também relatos de mulheres que optaram por alisar seus cabelos após períodos de transição capilar.

Uma das participantes relata: “Realmente não dedico tanto tempo ao meu cabelo quanto gostaria [...] Senti um alívio enorme quando voltei a alisar!”. Após passar pela transição capilar duas vezes, em 2008 e 2017, a entrevistada explica ao *G1* a sua decisão de alisar os fios novamente: “Quando era mais nova, fazia alisamento por imposição social, hoje é por vontade minha mesmo” (Ferreira, 2024).

A chamada liberdade capilar, deste modo, emerge com a premissa de resistir às diversas pressões referentes ao cabelo crespo: seja pelo tratamento químico, ou pela afirmação do cabelo crespo, e abraçar a autonomia sobre as escolhas estéticas individuais, incluindo o direito de escolher manter tratamentos químicos, usar perucas, manter o cabelo natural, entre as mais diversas formas de manipulação, sem qualquer tipo de julgamento ou pressão. É isso o que aborda um artigo de opinião publicado por de uma das mais relevantes revistas de moda do país, a *Marie Claire*, que tem como título “Liberdade capilar é usar o tipo de cabelo que te faz

¹⁷ FERREIRA, Daniela. *Transição capilar: veja relatos de quem desistiu do processo e voltou a alisar os cabelos*. *G1*, 7 mar. 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/moda-e-beleza/noticia/transicao-capilar-veja-relatos-de-quem-desistiu-do-processo-e-voltou-a-alisar-os-cabelos.ghtml>. Acesso em: 1 set. 2024.

feliz”¹⁸.

A seguir, analisaremos alguns dos enunciados presentes na matéria, focando nas falas das entrevistadas e em suas implicações discursivas. Uma das entrevistadas menciona:

No meio artístico, vejo mulheres pretas maravilhosas e confiantes. Identificar seu estilo ajuda muito no processo de autoestima. Só não podemos sair de uma prisão estética para entrar em outra. Temos que nos sentir livres para mudar quantas vezes for preciso (Black, 2021).

Esse enunciado revela uma percepção crítica sobre as dinâmicas de poder que cercam as escolhas estéticas das mulheres negras. Ao afirmar “só não podemos sair de uma prisão estética para entrar em outra”, a participante aponta para o risco de que, mesmo em busca de autoestima e identificação, possa haver uma nova forma de aprisionamento, caso essa estética seja vista como uma obrigação. A liberdade, então, é apresentada como um direito de mudança e experimentação.

Outra entrevistada expressa seu desejo em relação à sua liberdade de escolha ao afirmar: “Tenho cabelo alisado quimicamente sim. Também posso usar ondulado, uso lace, já usei tranças. E pretendo mudar ainda mais. Quando eu quero mudar, me sinto à vontade para fazer isso, e esse é o princípio da liberdade capilar” (Rocha, 2021)¹⁹.

O desejo pela liberdade capilar, conforme exposto pelas entrevistadas, reside no desejo de transitar entre diferentes estilos, sem a limitação por normas sociais ou estéticas. Como propõe a citação ao fim da matéria:

Passei muito tempo me sentindo refém do que as pessoas diziam sobre o que ficava melhor para mim. Hoje, quero garantir a liberdade de ser quem eu sou. Eu tenho essa força. Estamos juntas e entendemos a dor e o prazer de cada uma. Nós, mulheres negras, somos pluralidade. Nossa força vem daí (Black, 2021).

Aqui, o discurso reflete sobre um passado marcado pela influência das opiniões alheias, contrapondo-o ao desejo atual de liberdade e autoafirmação. A frase “Nós, mulheres negras, somos pluralidade” sublinha a diversidade de experiências e escolhas entre as mulheres negras. A entrevistada, desse modo, reforça que a força dessas mulheres reside na capacidade de se apoiar mutuamente e celebrar suas diferenças. Como sugere o próprio título da matéria,

¹⁸ BLACK, Bruna. Liberdade capilar é usar o tipo de cabelo que te faz feliz. Disponível em: <https://revistamarielaire.globo.com/Beleza/noticia/2021/11/liberdade-capilar-e-sobre-usar-o-tipo-de-cabelo-que-te-faz-feliz.html>. Acesso em: 1 set. 2024.

¹⁹ ROCHA, Leidi. Liberdade capilar é usar o tipo de cabelo que te faz feliz. Disponível em: <https://revistamarielaire.globo.com/Beleza/noticia/2021/11/liberdade-capilar-e-sobre-usar-o-tipo-de-cabelo-que-te-faz-feliz.html>. Acesso em: 1 set. 2024.

“Liberdade capilar é usar o tipo de cabelo que te faz feliz.”

Fica evidente, com a análise dos enunciados, a emergência de um novo movimento que busca a 'libertação' de todas as possíveis amarras que envolvem o cabelo crespo. Entretanto, ao utilizarmos lentes arqueogenealógicas, percebemos que, apesar de parecer promissor, até o próprio conceito de 'liberdade capilar' não está isento de contradições, principalmente quando apropriado pelos discursos midiáticos. Como exemplo, podemos citar uma das grandes campanhas publicitárias lançadas pela *Salon Line* nos últimos anos, que traz como mote o conceito de liberdade capilar²⁰. Afinal, como vimos, as decisões que envolvem as mais diversas possibilidades de escolha são atravessadas por fatores econômicos, emocionais e culturais.

Imagem 4 - Salon Line e Maisa



Fonte: Propmark (2023).

A contradição se manifesta quando a liberdade é transformada em um conceito de mercado, no qual os discursos são, na verdade, estrategicamente direcionados, moldados e produzidos por interesses neoliberais. O discurso da liberdade capilar, quando apropriado por essas marcas, pode ocultar as pressões econômicas, emocionais e culturais que geram desejo nessas mulheres, reforçando a dependência de produtos cosméticos para se conformar a certos padrões, em vez de promover autonomia.

A liberdade, desse modo, parece existir apenas no ato de resistir: na resistência ao alisamento capilar e na resistência à imposição da transição. E, embora estejam sempre resistindo, novos poderes continuam a surgir. Dessa forma, parece-nos que, quando se trata do cabelo crespo, os sujeitos estão imersos em um vasto campo minado de lutas incessantes, onde, a cada novo lugar de poder, torna-se necessário confrontar e desafiar novas formas de opressão.

²⁰ *Salon Line e Maisa falam da importância da liberdade capilar*. Disponível em: <https://propmark.com.br/salon-line-e-maisa-falam-da-importancia-da-liberdade-capilar/>. Acesso em 30. jun. 2024

E, em um contexto no qual poder e saber estão interligados, a resistência ao poder não nos parece apenas uma rejeição, mas também uma prática ativa de reconfiguração das relações de poder existentes (Revel, 2005). Sobre a liberdade capilar, até que ponto somos verdadeiramente livres? Será que a liberdade está realmente enraizada na capacidade de escolher nosso próprio estilo capilar? O ato de resistir estaria, então, aprisionado por um poder que nos conduz às expectativas sociais, aos padrões de beleza e às pressões invisíveis que moldam nossas escolhas?

A liberdade parece escapar de nosso alcance quando percebemos que estamos condicionados pelos discursos que definem tanto o conceito de beleza quanto a própria noção de liberdade. Como trata a poesia de Balacó (2016), parece-nos “que a liberdade não vem, não é coisa que lhe aconteça”.

Portanto, o simples uso do termo 'liberdade' não faz com que o movimento de liberdade capilar esteja imune às relações de poder: um poder que produz sujeitos e que indica que nossas escolhas, mesmo as mais pessoais, são produzidas discursivamente.

Considerações finais

Conforme observou Veyne (2011, p. 49-50), “Os discursos são as lentes através das quais, em cada época, os indivíduos percebem, pensam e agem”. Este artigo utiliza os discursos contemporâneos sobre o cabelo crespo, amplamente difundidos em portais de notícias, como uma lente para examinar a emergência de um movimento que se desdobra em meio aos conflitos sobre a imposição de padrões estéticos.

Ao analisarmos esses discursos, identificamos uma dinâmica estratégica contínua no debate sobre o cabelo crespo no Brasil. Em diferentes momentos, esses discursos afirmam e negam a validade estética e cultural do cabelo crespo, ao mesmo tempo em que introduzem novas formas de manipulação e, por vezes, de aprisionamento das mulheres. Essa complexa interação de forças revela a persistência de um contexto de poder que molda e reconfigura constantemente as noções de beleza para a mulher negra.

Portanto, enquanto reconhecemos o deslocamento discursivo entre a “transição capilar” e a “liberdade capilar”, somos confrontados com a realidade de estarmos profundamente imersos em uma teia intrincada de poder. Este artigo não apenas demonstra a emergência do movimento de liberdade capilar, mas também lança luz sobre as complexidades subjacentes aos discursos em torno do cabelo crespo no contexto brasileiro.

Referências

BALACÓ, Sónia. **Constelação**. Lisboa: Mariposa Azul, 2016. DOI: <https://doi.org/10.5195/bsj.2015.150>

BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: EdUFSCar, 2015.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução Raquel Ramalhete. 27. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica**: para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

REVEL, Judith. **Michel Foucault**: conceitos essenciais. Tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovezani. São Carlos: Claraluz, 2005.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a história**: Foucault revoluciona a história. Brasília: UnB, 2014.

Recebido em: 2 de setembro de 2024

Aceito em: 8 de novembro de 2024